

Palavras hebraicas e hebraísmos na língua portuguesa

A língua portuguesa é uma das filhas do Latim e, como tal, os vocábulos do seu léxico bem como a estrutura da sua gramática dependem substancialmente da língua mãe. Entretanto é óbvio que também recebeu e assumiu elementos de outras origens. E não é fácil isolar cada um desses elementos marcando-lhe a proveniência, sendo ainda mais difícil determinar-lhe a sua caminhada progressiva na história da língua até aos nossos dias.

Foi certamente o latim eclesiástico que exerceu particular influência na formação do português. Poderia aí verificar-se a sua importância em diversos sectores: liturgia, homilética, teologia, exegese, filosofia... Reconheçamos em todos esses campos o papel preponderante que desempenhou o latim bíblico pela via comum da Vulgata¹. Efectivamente o seu uso generalizado exerceu influência, sem limites determináveis, em todos: pregadores e ouvintes, escritores e leitores. Todos eles alimentados, directa ou indirectamente, pelos livros santos falaram, modelaram e enriqueceram a língua. Ao lermos os primeiros escritos em português, encontramos a cada passo o elemento bíblico mais ou menos assimilado. Por vezes é mesmo materialmente transposto da Bíblia para esta língua ainda em fase de formação. O autor de um estudo sobre o «Leal Conselheiro», podia comprovar que se formou com material bíblico, afirmando mesmo que D. Duarte «assimilou de tal modo a literatura sagrada que muitas vezes subsiste a dúvida se tal frase ou vocábulo

¹ Seguimos a edição crítica orientada por R. WEBER, Stuttgart 1969. Espera-se que seja concluída a edição que está a preparar a «Pontificia Commissio pro Nova Vulgata», Vaticano, de que já saíram os seguintes volumes: *Salmos*, 1969; *Evangelhos*, 1970; *Epístolas de S. Paulo e Epístolas Católicas*, 1970; *Actos e Apocalipse*, 1971.

é do rei ou da Escritura»². Também em *A «Menina e Moça»* de Bernardim Ribeiro, podia recentemente observar um autor curiosas influências hebraicas, sobretudo em imagens e ideias³.

Se deixarmos essa fase da língua e avançarmos um pouco mais em direcção às origens do nosso fenómeno linguístico, damos conta de que esse latim da Vulgata que influenciou o português contém frequentemente palavras e expressões de origem hebraica. Digamos mesmo que, nalguns casos, foram arrancadas materialmente do Hebraico. Entraram nas versões portuguesas e por elas passaram ao povo que ainda hoje as utiliza sem suspeitar donde vêm. De tal modo fazem parte integrante da língua que agora até já parecerá estranho classificar de hebraísmos determinadas expressões ou afirmar que têm origem hebraica certos vocábulos. Estamos entretanto a registar as suas origens remotas, situando-nos por trás e para além do próprio latim da Bíblia, seu veículo principal.

Neste breve trabalho, não se pretende indicar todo o elemento bíblico que permanece na língua portuguesa. De facto um estudo dessa natureza não se conformaria com brevidade. Aqui fixamo-nos apenas no elemento hebraico. E mesmo este, pela sua vastidão e complexidade, tem de ser limitado. Escolhemos só alguns vocábulos e hebraísmos mais frequentes no Português de hoje.

O método a seguir poderia ser genético-progressivo ou seja ver a origem do elemento hebraico e acompanhá-lo na sua trajectória, verificando a sua transmissão e desenvolvimento até aos nossos dias, trabalho certamente moroso e delicado, e mais para uma equipa do que para um só. O método regressivo ou seja o da caminhada no sentido inverso também não seria fácil. Vamos proceder deste modo: verificar a existência de vocábulos e hebraísmos na actual língua portuguesa apontando para a sua origem, a Bíblia hebraica, e para o seu veículo principal a Bíblia latina.

Como ponto de partida, vamos servir-nos de uma versão bíblica portuguesa concluída recentemente. Os tradutores, homens preparados em Ciências Bíblicas, traduziram dos textos originais

² Referimo-nos a J. MENDES DE CASTRO, *A Bíblia no Leal Conselheiro*, «Didaskalia», Vol. I, 1971, 251-261. A citação é da pág. 254. O mesmo autor publicou *A Versão medieval do Livro de Job* nesta mesma revista, Vol. II, 1973, 83-132. Aí podemos ver o Português em fase arcaica profundamente latinizado e com acentuada presença do elemento hebraico-bíblico.

³ HELDER MACEDO, *A «Menina e Moça» e o problema do seu significado*, «Colóquio-Letras», 8, 1972, 21-31. O artigo em questão supõe um estudo mais profundo que o autor fez em tese defendida na Universidade de Londres, como afirma.

e escreveram, como é de supor, para as pessoas dos nossos dias usando a sua mesma linguagem⁴. A tradução é habitualmente de tipo formal e o seu nível é geralmente médio. Trata-se da «Bíblia Ilustrada», da Editorial Universus, Porto, iniciada em 1961 e concluída em Dezembro de 1974. Esta obra, em sete volumes será provavelmente a primeira tradução de toda a Bíblia a partir dos textos originais, pois as precedentes eram versões parciais ou então feitas a partir do Latim ou de outras línguas⁵.

Visto que o Hebraico é a língua predominante no Antigo Testamento, e o Grego a língua do Novo, vamos fixar-nos especialmente no Antigo, sem entretanto deixarmos de indicar exemplos do Novo Testamento quando for conveniente⁶.

Vocábulos hebraicos

Seguindo algum critério que ultrapasse a fria sequência alfabética, vamos agrupar as palavras por afinidades temáticas, começando com nomes atribuídos a Deus e terminando com a indicação de alguns vocábulos esparsos.

⁴ Eis a lista dos colaboradores da *Bíblia Ilustrada* com a indicação dos livros que cada um traduziu: Albano Vilela — *Tobias, Judite*; Américo Henriques D. — *Cântico dos Cânticos, Tiago, Judas, Apocalipse*; António Augusto Tavares — *Josué, Esdras, Neemias, Joel, Abdias, Ageu, Zacarias, I Pedro, II Pedro*; António Patrocínio Gonçalves — *Hebreus*; Joaquim Mendes de Castro — *Génese, Êxodo, Rute, I Samuel, II Samuel, Salmos, Isaías, Miqueias, Habacuc*; Joaquim P. Macedo de Lima — *Sofonias*; José António Godinho de Lima — *Levítico, Job, Jeremias*; José da Costa O. Falcão — *Lucas, João, Actos, Romanos, I Coríntios, II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Filémon*; José Nunes Carreira — *Daniel*; Luis Gonzaga da Fonseca — *Mateus, Marcos*; Manuel Augusto Rodrigues — *Eclesiástico, Ezequiel*; Manuel Rodrigues Martins — *Deuterónimo, I Reis, II Reis, Eclesiastes, Oseias, Amós*; Manuel Teixeira Borges — *Números, Juizes, I Crónicas, II Crónicas, I Macabeus, II Macabeus, Ester*; Teodoro de Faria — *Sabedoria, Lamentações, Baruch, Jonas, Naum, Malaquias*.

⁵ Cf. Introdução, Vol. I do A. T., 32-33.

⁶ Como instrumentos de trabalho, servimo-nos das conhecidas concordâncias bíblicas: para o texto hebraico, S. MANDELKERN, Akademische Druck — U. Verlagsanstalt, Graz Austria, 1955; para o grego dos LXX, H. HATCH-H. REDPATH, Graz, Austria, 1954; para o grego do N. T., W. F. MOULTON — A. S. GEDEN, Edimburgh, 1967; para a Vulgata, H. DE RAZE — E. LACHAUD — J. B. FLANDRIN, Barcelona, 1964. Consultámos, para o vocabulário português: ARTUR BIVAR, *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, Porto, 1952; ANTÓNIO MORAIS SILVA, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.ª ed., Lisboa, 1954; F. REBELO GONÇALVES, *Vocabulário da Língua Portuguesa*, Coimbra, 1966; Citamo-lo habitualmente por RG ou indicamos só por extenso o nome do autor; J. PEDRO MACHADO, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2.ª ed., Lisboa, 1967. Citamo-lo indicando as iniciais do nome do autor, quando não é por extenso. Foi também de grande utilidade a obra de J. TRENEL, *L'Ancien Testament et la langue française du Moyen âge*, Genève, 1968.

Nomes de Deus

Javé ou *Jeová*

Os hebreus designavam Deus com diversos nomes, mas não os pronunciavam, por respeito e temor religioso. Assim acontecia com o nome próprio do Deus de Israel, o Deus bíblico, *Javé*. Quando os chamados «massoretas»⁷ inventaram uma vocalização que registasse a leitura da língua hebraica, vocalizaram o tetragrama יהוה (*Javé*) com as vogais de אֲדֹנָי (edonai). Qualquer leitor hebreu, ao encontrar a palavra com tal vocalização, dava conta de que se tratava de um artificialismo propositado para não se pronunciar. A leitura devia substituir-se por qualquer vocábulo que levantasse o pensamento para Deus. Daqui resulta uma leitura materialmente feita em tempos recentes que deu a palavra «Jeová». Na *Bíblia Ilustrada*, não se encontra tal palavra resultante de leitura simplista. Encontra-se apenas *Javé*. Pode servir de exemplo Ex. 6, 2. 3, texto clássico da revelação do nome do Deus bíblico.

Tanto o termo *Javé* como *Jeová* são registados no Vocabulário português.

Javé Sebaot יהוה צבאות

Associada à palavra *Javé* encontra-se na *Bíblia* uma outra: *Sebaot*. De facto este epíteto divino lê-se no Antigo Testamento 285 vezes, aparecendo 267 vezes na fórmula «*Javé Sebaot*». A palavra *Sebaot* passou para o latim bíblico e litúrgico e entrou na nossa língua. É registada por exemplo no Vocabulário de Rebelo Gonçalves. Entretanto a *Bíblia Ilustrada*, traduz por «Deus dos exércitos», aceitando assim uma interpretação proposta já pela versão grega dos LXX e retomada pela Vulgata. Deve no entanto observar-se que tal interpretação clássica pode não ser a mais acertada, pois poderá significar algo de mais que os exércitos militares⁸.

⁷ São assim designados os mestres judeus que, nas escolas da Babilónia e de Tiberfades, a partir do século VI da nossa era, estabeleceram uma vocalização para o hebraico. O nome «massoreta» vem de «massora», anotação à maneira de glosa.

⁸ Cfr. J. G. TRAPIELLO, *El epíteto divino «Javeh Sebaot» en los libros históricos del Antiguo Testamento*, em «La idea de Dios en la Biblia», XXVIII Semana Bíblica Española, Madrid 1971, 67-129. Nesse estudo denso e aprofundado, o autor apresenta sete hipóteses de interpretação, tendo cada uma um bom grupo de partidários. Trapiello parece preferir ver «Sebaot» como um plural abstrato de sentido mais genérico, em que sobressai a ideia de força.

Adonai: אֲדֹנָי de אָדוֹן (adon) senhor

Os LXX traduziram normalmente por Κύριος⁹. A Vulgata conservou duas vezes a forma hebraica «Adonai», precisamente em Ex. 6, 3 e Jud. 16, 16. A Bíblia Ilustrada não conservou esta palavra, preferindo traduzi-la por «Senhor». Noutras versões portuguesas, encontra-se entretanto essa palavra hebraica¹⁰. É registada em RG e JPM¹¹.

Nomes de Anjos

Querubim de כְּרֻב (kerub), plural כְּרֻבִּים¹²

A palavra é usada em português como antropónimo ou a designar uma determinada categoria de anjos. É nesta acepção que se encontra em diversas passagens da Bíblia hebraica e igualmente na versão portuguesa a que estamos a reportar-nos: Gn. 3, 24; I Sam. 4, 4; 2 Sam. 22, 11; I Re. 6, 23-26.

Serafim de שָׂרָף (saraf), plural שָׂרָפִים

Do seu significado vulgar de «arder» passou na Bíblia a designar uma categoria de anjos. Em português, além disso, é também nome de pessoa. Lê-se na Bíblia hebraica em Is. 2, 2. 6. Entretanto verifica-se com curiosidade que o tradutor na Bíblia Ilustrada apenas

⁹ Nas nossas citações da versão grega dos LXX, seguimos a edição crítica de A. RAHLS, Stuttgart 1935.

¹⁰ Cfr. por exemplo a versão de A. Pereira de Figueiredo, Rio de Janeiro 1955 e a de Matos Soares, São Paulo 1955. Ver Ex. 6, 3. Uma e outra são feitas sobre a Vulgata latina, que mantém a palavra hebraica.

¹¹ Os nomes *El* e *Eloim*, tão frequentes na Bíblia Hebraica para designarem Deus, não se encontram facilmente em Português. Entretanto o primeiro ficou presente como elemento componente de certos nomes teofóricos, como por ex. Manuel, Gabriel, etc. O segundo encontra-se no termo «eloísta», que é técnico e usado pelos biblistas.

¹² Não transcrevemos a pronúncia quando for igual à do vocábulo em uso na língua portuguesa. Quanto a «querubim», não indicamos o seu significado etimológico porque o hebraico não nos permite isso com clareza. A palavra tem provavelmente uma origem académica *Karibu* que significa orante, intercessor, como explica A. CLAMER, *La Genèse*, Paris, 1953, 146. Existe entretanto em hebraico a palavra קָרַב (karab) que significa aproximar, donde «querubim»

significa *próximos*. Deve ser a esta raiz que se refere JPM ao dizer que a palavra tem origem no hebreu *kerubim* pl. de *kerub*. Informa a propósito que nos chegou por via culta e já se pode testemunhar em Português no século XIII nos *Inéditos de Alcoaba*.

manteve a palavra no versículo 2: «à sua volta estavam serafins de pé». No versículo 6, substituiu-a por «querubim»: «então um Querubim voou ao seu encontro». Ao fazer isto, cometeu uma arbitrariedade, pois nem o Hebraico, nem o Grego, nem o Latim, nem a crítica textual permitem essa alteração. Tanto esta como a palavra anterior são registadas em RG na dupla acepção indicadas.

Gabriel de גַּבְרִיאֵל (= אֵל + גַּבַּר)

É um nome teofórico com o significado etimológico de «varão (forte) de Deus». É o nome de um Anjo de que se fala em Dn. 8, 16; 9, 21 e igualmente em Lc. 1, 19. 26. Facilmente entrou no português não só como nome de Anjo mas também como nome de pessoa.

Rafael de רַפָּאֵל (= אֵל + רַפָּא)

Etimologicamente significa «medecina de Deus», como observa em nota a Tob. 3,17 o tradutor do livro de Tobias na Bíblia Ilustrada. É o nome do Anjo que aparece várias vezes mencionado nesse livro, por exemplo em 3, 17; 8, 2.3; 12, 15.17. É certo que os nossos tradutores seguem um texto grego porque o hebraico ou aramaico em que originariamente o livro foi escrito desapareceu. Entretanto a procedência hebraica do vocábulo em questão é evidente. Em Português, é usado como nome de pessoa ou designa o Anjo de que se fala na Bíblia.

Nomes de demónios e de monstros

Belial de בְּלִיַּעַל

Significa etimologicamente «sem utilidade» e passou facilmente a significar «coisa perniciososa». É neste sentido que se encontra em diversas passagens bíblicas. No Antigo Testamento, lê-se em expressões como esta: «filhos de Belial». Além do vocábulo hebraico, há um hebraísmo na frase. Na Bíblia Ilustrada, encontramos duas maneiras de interpretar o hebraísmo. Assim em Jz. 19, 22, o tradutor

manteve o nome próprio ao escrever «homens filhos de Belial». Entretanto em I Sam. 2, 12; 10, 27 o tradutor substituiu o hebraísmo pelo simples adjectivo «perverso», tal como se fez em II Sam. 16, 7, escrevendo a palavra «iníquo». No Novo Testamento, aparece claramente como sinónimo de Satanás em II Cor. 6, 15: «Que acordo pode haver entre Cristo e Belial?». É evidente que numa frase como esta não seria fácil evitar o nome próprio.

Em todos estes textos bíblicos, podemos observar que a conhecida versão bíblica de Ferreira de Almeida manteve o termo Belial como nome próprio sinónimo de Satanás.

Não sendo de uso frequente na nossa língua, a palavra é registada por exemplo em Rebelo Gonçalves e em J. Pedro Machado que a lê em Gil Vicente, em 1514.

Satanás e Satan de שָׂטָן (satan)

Do seu significado etimológico de «adversário», facilmente passou a designar o inimigo por excelência. Assim no livro de Job, Satã é a personificação do espírito do mal. A palavra, tão frequente na língua portuguesa com uma ou outra forma, não podia deixar de se encontrar na Bíblia Ilustrada, mantendo a sua transmissão por via grega e latina. De facto os LXX transcreveram simplesmente o vocábulo hebraico por Σατᾶν e a Vulgata fez o mesmo. No Novo Testamento, surge com a forma mais cheia de Σατανᾶς. Assim fizeram também os nossos tradutores ao preferirem *Satan* em I Re. 5, 4; Job. 1, 6; Zac. 3, 1; II Re. 19, 22; e *Satanás* em Mt. 12, 26; Mc. 3, 23.

Belzebu de בְּעַל זְבוּב (Baal Zebub).

Significa «deus das moscas». Por isso os LXX escreveram mesmo βαδλ μωιδῶν que diz isso mesmo. É uma divindade de que se fala em II Re, 1, 2. 3. 6. 16; e igualmente em Mc. 3, 12; Lc. 11, 15. 18. 19. Os tradutores mantiveram nesses lugares a palavra, sem qualquer dificuldade, por se encontrar no vocabulário português.

Como não podia deixar de ser, é registada no vocabulário de RG e no Dicionário de JPM, comprovando com um texto de Gil Vicente de 1534.

Leviatã de לִיָּוִיָּתָן (liviatan)

É um termo que os nossos tradutores mantiveram por exemplo em Job. 3, 8; 40, 20; Is. 27, 1. A palavra que se encontra na nossa língua veio certamente da Bíblia. Esta, por sua vez, já foi buscar a palavra a designar um monstro aquático a Ugarit e à Babilónia. Foi esse monstro retomado pelo simbolismo cristão como personificação do mal. Deste modo, *Leviatã* tornou-se praticamente sinónimo de Satanás.

É registado o vocábulo em RG e JPM.

Astarte e *Baal* (Jz. 2, 13), *Moloch* (Lev. 20, 2. 3. 4. 5) e *Belfegor* (mais raro) são outros nomes de divindades pagãs ou monstros que se encontram em português, a nível erudito, com origem no hebraico bíblico. São registados em RG.

Nomes de povos

Seria fastidioso apresentar aqui a lista dos povos que são mencionados na Bíblia e que se encontram igualmente na língua portuguesa e seria muito arriscado dizer quais desses nomes chegaram até nós por via bíblica. Recorde-se por exemplo *israelita* de יִשְׂרָאֵלִי (israeli), forma feminina יִשְׂרָאֵלִיָּת (israelit). É praticamente sinónimo de *judeu* de יְהוּדִי (jeudi) e igualmente sinónimo do hebreu עִבְרִית (hibrit) de עֵבֶר (heber). Como observa J. Trénel, embora os três derivem do hebraico, acontece que «judeu» e «hebreu» se encontram em autores latinos como Cícero e Tácito, devendo ter-se divulgado por via latina extra-bíblica. A forma «israelita», ao contrário terá passado directamente do hebraico bíblico do Antigo Testamento para o francês. Diz mesmo que isso se terá verificado no século 12 e apenas teve uso nos meados do século 15, enquanto os outros dois vocábulos já teriam entrado no século X¹³. Não poderemos estabelecer cronologia, neste caso, para a entrada destas palavras na língua

¹³ J. TRÉNEL, *L' Ancien Testament et la Langue Française du Moyen Age (VIIIe-XVe siècle)* Genève 1968, 100s.

portuguesa, mas reconhecemos que a sua origem é hebraica, sem lhe determinarmos o seu caminho na história da língua.

Tanto os tradutores gregos do Antigo Testamento como os autores do Novo deram aos nomes dos povos mencionados na Bíblia uma forma grega com uma terminação em *της, τις* ou em *αιος*. É assini que nós encontramos: *ισραηλίτης, ισραηλίτις, israelita; ιεβουσαῖος jebusen*.

A Bíblia latina manteve uma e outra forma, e daí passaram para o Português. Nalguns casos, mantêm mesmo indistintamente as duas formas, como *hitita* ou *heteu*, *perezita* ou *perezeu*.

Sem considerarmos outros nomes, vamos apontar apenas o que se passou com «*felisteu*» e «*sodomita*».

Felisteus vem do hebraico פְּלִשְׁתִּים (felistim). Os LXX transcreveram a palavra sob a forma *φυλιστεῖμ* e, nalguns casos, substituíram a palavra por outra: *ἀλλόφυλος*, que quer dizer «*estrangeiro*». A Vulgata fez também o mesmo, usando o termo «*alienigena*». Mas, nem por isso esqueceu o nome original do povo, designando-o por *Philistim, Philisthaeus, Phelistini*. Tal era o nome de um povo vindo das ilhas para se fixar numa faixa de terreno à beira-mar, a sudoeste da Terra Prometida. A verdade é que desse nome de povo inimigo viria a palavra *Palestina*, que designaria mais tarde todo o território dos hebreus, a Terra Santa. Isto por causa da fácil confusão da letra פ que tanto pode ser *f* como *p*. Do mesmo vocábulo hebraico, deriva pois a nossa palavra *Filisteia* e *Palestina*. Observe-se ainda que *Palestina* não agradava aos antigos hebreus pela sua conotação política, tal como não agrada actualmente por motivos semelhantes.

Sodomita é palavra que tem forma grega, embora a sua raiz seja hebraica. Designava os habitantes de Sodoma. Efectivamente o texto hebraico fala de אַנְשֵׁי סְדֹם (anchê Sedom), homens de Sodoma (Gn. 19, 4). Os LXX usaram simplesmente a palavra *Σοδομίτης* ou *Σόδομοι*. Na língua eclesiástica, bem como na língua portuguesa, mais do que habitantes dessa cidade desaparecida, a palavra *sodomita* adquiriu uma accepção de «*culpável de determinado pecado*» atribuído aos habitantes de Sodoma.

Neste capítulo, poderia certamente apresentar-se uma extensa lista de nomes. Alguns mantêm-se em português praticamente na forma hebraica, outros assumiram uma terminação grega em *της* ou *αιος*. De tais nomes próprios derivaram ainda diversos substantivos comuns.

Seria o momento de fazermos também referência aos nomes de pessoas. A lista seria de facto muito grande. Iria muito além dos frequentes nomes teofóricos como Gabriel, Manuel, Jesus ou Joaquim. Quanto a isto reconhece-se desde há muito a necessidade da elaboração de um prontuário completo e de uniformidade na maneira de escrever tais nomes. A respeito de alguns, verificam-se as formas mais variadas. Para exemplificarmos, bastará a genealogia de Jesus em Mt. 1, 1-16 ou a de Lc. 3, 23-38 nas diversas versões portuguesas. Dificilmente encontraremos duas iguais. Reconheçamos entretanto que a transcrição dos nomes próprios, tanto de pessoas como de povos, já oferecia dificuldades aos próprios tradutores antigos, tanto gregos como latinos. O mesmo nome próprio que aparece em diversos textos bíblicos nem sempre é transcrito de forma igual. E poderemos mesmo acrescentar que, dentro da mesma língua, hebraica ou grega, os mesmos nomes não se escrevem sempre de igual forma. É particularmente em listas genealógicas, como as duas apontadas, ou em listas de povos, como por exemplo as do livro de Josué, que os Códices testemunham mais lições variantes.

Nomes de plantas

Entraram também em Português várias palavras de origem hebraica para designar plantas, tendo igualmente a Bíblia servido de seu veículo.

Aloés. Em hebraico אֶהְלִים (ahalim) e אֶהְלוֹת (ahalot).

A palavra encontra-se em Num. 24, 6; Sl. 45, 9; Prov. 7, 17; Cant. 4, 14 na Bíblia Ilustrada, tal como se encontrava no original hebraico¹⁴.

Rebello Gonçalves regista tanto a forma *aloé* como *aloés*, dizendo serem formas consagradas pelo uso tradicional, de acordo com o latim *aloe* — *es* ou *aloea* — *ae*. Segundo a sua opinião, deveria dizer-se

¹⁴ É de notar que a falta de vogais em hebraico levou a uma curiosa confusão que se verifica tanto nos LXX como na Vulgata, relativamente a Num. 24,6. De facto há semelhança entre אֶהְלִים Aahalim) *aloés* e אֶהְלִים (óhalim) plural de אֶהְלֵ (ohel) *tenda*. É assim que se explica que os LXX e a Vulgata entendessem no referido texto a palavra respectivamente como σκηνὰν e *tabernacula, tenda*.

áloe ou *áloa* no género feminino. Informa ainda que, da forma *alae* já tem havido um ou outro emprego, assim como *áloes* em vez de *aloés*, mas desnecessária.

Bdélío. Em hebraico בְּדֹלָה (bdolah), latim *bdellium*.

Há quem pense que a palavra terá vindo do sânscrito. Seja como for, o que é certo é que ela se lê no texto hebraico de Gn. 2, 12 e Num. 11, 7 donde a tirou a Vulgata. A Bíblia Ilustrada manteve-a em Num 11, 7. Ao descrever o maná, diz que a sua cor é «como a do bdélío». Entretanto em Gn 2, 12, o tradutor evitou-a preferindo verter por rezinas aromáticas.

Cássia. Em hebraico קְצִיעָה (keciah).

A palavra hebraica foi transcrita tanto pelos tradutores gregos na versão dos LXX, como pelo tradutor latino na Vulgata. Os nossos tradutores da Bíblia Ilustrada preferiram a forma cassita em Ex. 30, 24 e Sl. 45, 9, embora tivesse permanecido «cássia» em Ez. 27, 19.

Cinamomo. Em hebraico קִנְמוֹן (kenamon).

Na Bíblia hebraica, lê-se em Ex. 30, 23; Prov. 7, 17; Cant. 4, 14. A Bíblia Ilustrada mantém esta palavra nos mesmos textos a designar uma substância aromática.

Cominho. Em hebraico כַּמּוֹן (kamon).

Não é de estranhar a grande diferença na pronúncia, neste e noutros casos. O hebraico é língua consonântica. As vogais, embora se pronunciem, não se escrevem. São por isso pouco firmes, muito variáveis. Em contraposição, as consoantes são fixas e estáveis.

Cominho é o nome de uma planta aromática que se lê na Bíblia Ilustrada em Is. 28, 25. 27 e em Mt. 23, 23¹⁵.

Gálbano. Em hebraico חֶלְבָנָה (helbenah).

Também esta palavra nos terá vindo da Bíblia. De facto encontra-se em Ex. 30, 34 donde passou para o grego dos LXX e para

¹⁵ J. Trénel observa que os LXX tiraram a palavra de Isaías e daí passara para Aristófanes, tal como teria passado de S. Jerónimo para Plínio o Antigo. Acrescenta ainda que teria entrado na língua francesa, sob forma popular, no séc. XIII, *op. cit.*. 90.

o latim da Vulgata. A nossa Bíblia Ilustrada mantém-na no referido texto, chamando a planta *gálbano aromático*.

Hissopo. Em hebraico אֶזוֹב (ezob).

Designando igualmente uma planta aromática, a palavra encontra-se na Bíblia hebraica em Ex. 12, 22; Lev. 14, 4. 6. 49. 51. 52. Daí passou para a Bíblia grega, versão dos LXX, para a Vulgata latina, para os autores latinos e para as línguas modernas. Os tradutores da Bíblia Ilustrada conservam a palavra nos textos indicados. É registada nos nossos dicionários não só esta forma mas também *hissope*, ramo tirado dessa planta ou objecto usado para aspergir.

Mirra. Em hebraico מֹר (mor)

Lê-se esta palavra na Bíblia Ilustrada em Ex. 30, 23; Sl. 45, 9; Prov. 7, 17; Cant. 1, 13; 3, 6; 4, 6. 14; 5, 1. 5. 13. Os tradutores encontraram-na na Bíblia hebraica, nos mesmos textos e certamente nem hesitaram em a usar por já ser bem portuguesa. A sua origem remota é entretanto hebraica. S. Jerónimo usou-a na versão latina, tal como a usaram depois os tradutores bíblicos nas diversas línguas.

Nardo. Em hebraico נֵרְדִי (nerd)

Lê-se na Bíblia Ilustrada tanto no Antigo Testamento, Cant. 1, 12; 4, 13. 14, como no Novo, em Mc. 14, 3; Jo. 12, 3. A sua caminhada a partir da Bíblia Hebraica foi a mesma: Versão dos LXX, Vulgata, autores latinos e tradutores em línguas modernas.

Nitro. Em hebraico נִתְרִי (neter).

Pode ler-se na Bíblia Ilustrada em Jer. 2, 22: «mesmo que te lavasses com nitro». Os LXX e S. Jerónimo mantiveram a palavra hebraica, apenas transcrita para grego ou latim conforme o caso, tanto neste texto de Jeremias como em Prov. 25, 20. Entretanto o nosso tradutor de Provérbios substituiu este termo científico por outro que não será menos: «salitre».

Dentre os vocábulos portugueses de origem hebraica a designar plantas, regista-se também *bisso* ou *bissa*. Na Bíblia hebraica, encon-

tra-se em diversas passagens sob a forma בויץ (buç). Entretanto os tradutores da Bíblia Ilustrada não a usaram, tendo preferido substituí-la por «linho retorcido», «linho e púrpura», «linho», etc.¹⁶.

Termos religiosos

Aleluia. Em hebraico יהלל־יהוה. Dos dois elementos הלל־ (halal) יהוה (Iá) forma abreviada e usual de יהוה (Iavé), vê-se o seu significado: «louvai a Javé».

Em Português, aparece às vezes transcrita a palavra com dois ll, ficando mais próxima do hebraico. Assim foi transcrita já pelo grego αλληλοούια e igualmente pelo latim. O seu uso bíblico é religioso, litúrgico. Era uma exclamação piedosa, como se pode ver nos Salmos chamados aleluiáticos: 104, 118, 134, 135, 145-150. Os tradutores da Bíblia Ilustrada mantêm nesses lugares a palavra. Ela aparece mesmo no início dos Salmos 145 a 150. Por ser de uso litúrgico, associada de modo especial à festa da Páscoa, que celebra a alegria pela Ressurreição de Cristo, adquiriu esta acepção de alegria na língua corrente.

Rebello Gonçalves regista o vocábulo como interjeição e ainda com o seu significado religioso.

Amen. Em hebraico אמן

Nessa língua, era um adjetivo, com o significado de «verdadeiro». Não tinha pois um significado propriamente religioso nem o seu uso era litúrgico. Os LXX traduziram sempre a palavra por γένοιτο e a Vulgata muitas vezes por «fiat». A expressão portuguesa «assim seja» corresponde tanto ao termo grego como ao latino.

Nos textos bíblicos, a palavra «amen» tinha um sentido de aprovação ao que alguém dizia, Deut. 27, 15-29 ou de apoio àquele

¹⁶ Todos estes nomes de plantas são registados por Rebello Gonçalves e J. Pedro Machado, para nos referirmos apenas aos autores que temos estado a citar. Este último aponta-lhes habitualmente o étimo latino, recordando por vezes a proveniência grega, mas não se refere à sua remota origem hebraica, como faz J. Trénel, *op. cit.* 87-92. Anote-se ainda por curiosidade que são vocábulos de presença já muito antiga no Português, como testemunha J. Pedro Machado. Assim: *aloés*, 1497; *bdélio*, séc. XVI; *cássia*, séc. XIV; *cinamomo*, séc. XIV; *cominho*, 1269; *gálibano*, séc. XV; *hissopo*, séc. XIV; *mirra*, séc. XII; *nardo*, séc. XVI; *bisso*, séc. XIV.

que está a falar Sl. 41, 41. É sobretudo na primeira acepção que a palavra, já usada no Novo Testamento, passou para a liturgia católica como fórmula final de orações. Tem, além disso, um uso profano. Rebelo Gonçalves regista a forma «ámen» e «amém».

Termos relacionados com religião e costumes

Éden: de עֵדֶן

É nome próprio duma região da Ásia, onde a narrativa do Génesis coloca o paraíso terreal. A palavra entra na locução גַּן עֵדֶן (gan Eden) que significa exactamente «jardim do Éden» (Gn. 2, 8. 15; 3, 23. 24). É também usada como substantivo comum e sempre no plural a significar «delícias». Com este uso, não se encontra ligada a גַּן (gan), jardim (2 Sam. 1, 24; Sl. 36, 9; Jer. 51, 34).

Os LXX, confundiram as duas acepções, traduzindo o nome próprio e assim a expressão גַּן עֵדֶן (gan den) é traduzida por παράδεισος τῆς τρύφης «paraíso de prazer». De facto a palavra עֵדֶן só no plural é que significa propriamente «delícias». Usaram aqui a palavra «Paraíso» que o grego recebeu da língua dos persas. A ideia do Paraíso terrestre sugere a ideia de delícias e, por isso, não admira que, por confusão ou por intenção, S. Jerónimo tenha substituído a palavra «Éden» por «voluptas». Efectivamente traduziu Gn. 2, 8. 15 por «paradisus voluptatis» e Gn. 2, 10 por «loco voluptatis».

Na língua portuguesa, como noutras línguas, a palavra mantém um certo valor religioso ligado à Bíblia e também um significado comum de «prazer», «delícias», o que se nota principalmente no adjectivo «edénico». Os tradutores da Bíblia Ilustrada não traduziram sempre da mesma forma. Assim temos: *Éden* (Gn. 2, 8. 15), *jardim da planície* (Gn. 3, 23), *jardim do Éden* (Gn. 3, 24). Notemos que é o mesmo que traduziu os textos indicados.

Quando a palavra hebraica se encontra no plural, os nossos tradutores verteram-na por «delícias» (Sl. 36, 9; Jer. 51, 34) e num texto duvidoso (2 Sm. 1, 24) o tradutor fez quase o mesmo, empregando o advérbio «deliciosamente».

Efode: de אֶפֶד (Ephod).

É palavra que designa a túnica do sumo sacerdote. Os LXX traduziram-na por ἑπωμίδς. S. Jerónimo, embora lhe chame «super-humemale», transcreveu a palavra hebraica em Ex. 25, 7; Jz. 8, 27; 17, 5; 18, 14. 17. 18. 20; I Sam. 2, 8. 28; 14, 3; 21, 9. 21.

Os tradutores da Bíblia Ilustrada mantiveram a palavra hebraica em Ex. 25, 7, nos textos do livro dos Juízes e bem assim em 1 Sam. 2, 28; 14, 3. Noutros lugares, substituíram-na, talvez pela sua má sonância em português, por paráfrases como esta: «vestimento comprido».

Rebello Gonçalves regista a forma «efó» e «efódio», tal como faz J. Pedro Machado, dizendo que o vocábulo é hebraico e entrou no grego.

Jubileu: de יוֹבֵל (iobel).

A palavra significava grito de guerra ou de júbilo e triunfo. Significava também o próprio instrumento que emitia tal som continuado e que era uma trombeta ou chifre. Como o ano jubilar era anunciado pelo som desse chifre-trombeta, recebeu o nome de jubileu. Do *iobel* hebraico derivam pois as palavras jubileu, júbilo e jubilar. Vem certamente por via bíblica, sendo mais uma vez a Vulgata latina o seu veículo. De facto essa versão tirou directamente do hebraico este vocábulo, que em português se pode testemunhar já no século XIV, como prova JPM.

Na Bíblia Ilustrada, pode ler-se a palavra *jubilar* como adjectivo em Lev. 25, 10. 11. 13; 27, 24.

Levita: de לֵוִי (Levi).

Era o nome próprio do 3.º filho de Jacó e igualmente o nome de qualquer membro da tribo. Os LXX grecizaram a palavra sobre a forma λευιτης tendo passado com essa forma para a Vulgata latina e daí para diversas línguas, como é o caso da nossa. É de uso frequentíssimo na Bíblia Ilustrada.

Rebello Gonçalves regista a palavra com o significado bíblico de membro da tribo de Levi, sacerdote e ainda como substantivo feminino a significar «sobrecasaca».

Maná: de מַן (man).

Vem de Ex. 16, 15 da expressão מַה הוּא (ma-hu), dando o próprio texto a sua etimologia «que é isto?». Efectivamente diz-se, no versículo 31 desse mesmo capítulo do Êxodo, que o povo de Israel deu o nome de «man» àquele estranho e misterioso alimento do deserto. A palavra de Ex. 16, 15. 31 foi transcrita pelos LXX e pela Vulgata, passando depois para as línguas modernas. O tradutor do livro do Êxodo na Bíblia Ilustrada escreve «que é isto?», mas o tradutor de Num. escreveu a palavra *maná* em 11, 6. 7.

Na língua portuguesa, tanto se pode referir a esse alimento dos hebreus como pode ter um sentido místico com referência ao pão eucarístico, em nítida alusão ao Evangelho de João 6, 49, que retoma a palavra do Antigo Testamento.

Nazir ou *nazarita*: de נָזִיר (nazir)

Era designação da pessoa consagrada a Deus por um voto. A forma *nazir* é transcrição do hebraico. Pode ler-se em Num. 6, 13. 18. 19. 20. 21. O tradutor português da Bíblia Ilustrada preferiu em todos estes textos a forma «nazarita», registada mais frequentemente nos nossos dicionários. A Vulgata traduziu aqui e em Jz. 13, 5 por *nazaraeus*. Houve alguma confusão entre esta palavra e outra derivada de Nazaré. A falsa analogia de *nazir* com *nazareno* é frequente. O nosso tradutor de Livro dos Juizes, que já havia traduzido o livro dos Números, não fugiu a essa inexactidão ao escrever em Jz. 13, 5 «nazareno». RG e JPM registam a palavra *názir*, inspector, de origem árabe.

Páscoa: de פֶּסַח (peçah).

Além do seu significado geral de «acção de passar», a palavra pode designar o cordeiro pascal ou a festa que figura com esse nome.

Os LXX retiveram a palavra hebraica sob a forma πάσχα (pasca) e assim fez o Novo Testamento. É claro que o vocábulo grego πάσχα é muito próximo, na sua, forma de πάσχειν (sofrer). Por isso não admira que, na linguagem eclesiástica, se fizesse uma aproximação etimológica entre *pascha* (Páscoa) e *passio* (paixão). Do seu uso frequente nem vale a pena falar.

Sábado: de שַׁבָּת (Shabat)

Embora na Bíblia designe o repouso, o dia santo de cada semana, na língua portuguesa, como noutras, designa apenas o 7.º dia da semana.

Outros vocábulos

Cibolet: de שֶׁבֶלֶת

A Bíblia Ilustrada reteve esta palavra hebraica em Jz. 12, 6. Não poderemos afirmar que se use em português. O tradutor teve o cuidado de explicar em nota: «Os Eframitas pronunciavam o *s* inicial da palavra como *s* sibilante; todos os outros israelitas pronunciavam-no com um som chiante. No tempo de Nosso Senhor, os Galileus eram reconhecidos como tais em Jerusalém pela pronúncia (cfr. Mt. 26, 73)»¹⁷, alusão ao episódio da negação de Pedro. A palavra hebraica significava espiga e era pronunciada diferentemente. Tanto os LXX como S. Jerónimo tentaram transliterá-la e algumas das nossas versões portuguesas também a mantiveram.

Cinor: de כִּנּוּר

É o nome de um instrumento de música de que se fala em diversas passagens do Antigo Testamento: Gn. 4, 21; Sl. 137, 2; 147, 7; 149, 3; 150, 3.

Os tradutores da Bíblia Ilustrada traduziram em todos estes textos a palavra por «cítara», como aliás já tinham feito a versão dos LXX e a Vulgata. Nalguns casos, porém, os LXX mantiveram a palavra hebraica (I Sm. 10, 5; I Cr. 15, 21; 16, 5. 23).

A palavra *cinor* existe entretanto na língua portuguesa a designar exactamente «um instrumento musical de uso entre os judeus», como referem os dicionários. Registada também por Rebelo Gonçalves.

Safira: de סַפִּיר (safir)

É o nome de uma pedra preciosa. Na Bíblia Ilustrada, pode ler-se em Ex. 28, 18; 39, 11; Cant. 5, 14; Job. 28, 6. 16; Is. 54, 11.

¹⁷ Livro dos Juizes, Vol. II A. T., 100, nota 5-6.

Os tradutores encontraram a palavra em todos esses textos e podiam vê-la igualmente na versão grega e na latina. Registada nos dicionários portugueses.

Siclo: de שֶׁקֶל (shequel)

Este nome de um peso e de uma moeda muito em uso nos tempos bíblicos lê-se por exemplo em Num. 7, 13. 14. 19. A palavra transcrita no grego sob a forma σίκλος e no latim «siclus» facilmente entrou em Português, que a conserva. Leiam-se como exemplos os textos referidos e vejam-se os dicionários.

Hebraísmos

Sob esta designação, vamos incluir certas construções gramaticais de modelo hebraico. Trata-se de frases ou expressões estruturalmente hebraicas, mantidas na versão latina donde passaram para o Português. Tais expressões reflectem muitas vezes mentalidade e categorias religiosas de raiz judaica. A presença de hebraísmos na língua portuguesa, como aliás noutras, é um facto, embora a sua extensão não seja fácil de determinar.

Apontamos alguns, entre os muitos, que se encontram na língua portuguesa, reportando-nos apenas a exemplos concretos que estão presentes na Bíblia Ilustrada, versão que estamos a seguir.

Hebraísmos frequentes são os que se podem classificar, em terminologia já usada, pelo uso do genitivo. Não é que existam casos na língua hebraica, mas, ao passarem para o grego ou latim, deram lugar a um genitivo qualificativo, a um genitivo determinativo ou a um genitivo de superlativo absoluto, entrando com essa mesma forma na língua portuguesa.

Genitivo qualificativo

Trata-se de uma construção de dois substantivos, estando um em genitivo a desempenhar uma função de adjectivo. Em português, ficou expresso pela preposição *de*. Temos assim expressões deste género: homem de poder em vez de homem poderoso, Deus de glória em vez de Deus glorioso, etc.

Embora no hebraico exista a possibilidade das duas construções gramaticais, isto é, com os dois substantivos, a que se chama «estado construto»¹⁸ e com o simples adjectivo, é mais frequente a primeira. Isso, em boa parte porque a língua é pouco abundante em adjectivos. Ora o grego e o latim, sendo línguas ricas em adjectivos, não tinham necessidade de conservar este hebraísmo, quando traduziram o texto bíblico. A verdade porém é que o mantiveram habitualmente: nalguns casos, por exagerado respeito para com o texto original, noutras, por verem no «estado construto» uma especial força significativa que não existia e às vezes por falta de inteira compreensão, segundo julgamos. Ao português chegaram tais hebraísmos por via latina, habitualmente via bíblico-litúrgica, surgindo depois expressões do mesmo tipo, por imitação.

a) Exemplos de *genitivo qualificativo com as palavras «glória», «majestade», «justiça»*

«O rei de glória», em vez de «o rei glorioso».

É referido a Deus em Sl. 24, 7-10. Traduz o latim «*rex gloriae*», correspondente ao hebraico מֶלֶךְ הַכְּבוֹד (meleq akabod)

«Trono de glória» a significar «trono glorioso».

Pode ler-se em Is. 22, 23 e Jer. 17, 12 conservando assim o estado construto hebraico כִּסֵּא כְבוֹד (kissê cavod). A mesma construção hebraica foi muito bem traduzida em 1 Sm. 2, 8 por «trono glorioso». No NT pode ler-se «trono de glória» em Mt. 19, 28.

«Coroa de glória».

Lê-se em Jer. 13, 18 e igualmente no Novo Testamento em I Tes. 2, 19. Tem por trás nitidamente o mesmo estado construto hebraico עֲטֹרַת הַפָּאֵרֶת (hateret tifearet) que podia muito bem ser traduzido por «coroa gloriosa» como fez o tradutor de Is. 28, 5, o mesmo que traduziu Is. 62, 3 por «coroa brilhante».

«O rei de majestade».

É uma expressão referida ao «Deus de majestade», que se lê no Sl. 28, 3, tendo por trás o texto hebraico אֱלֹהֵי הַכְּבוֹד (El Acavod), que significa Deus de glória ou Deus glorioso.

¹⁸ Esta designação de «estado construto» é corrente nas gramáticas de Hebraico. A mais recente em português é a de M. Augusto RODRIGUES, *Gramática elementar de Hebraico*, Coimbra, 1967. Ver pp. 34 e 35.

«Sol de justiça».

Aparece em Mal. 3, 20 (ou 4, 2) esta imagem que designa o esplendor da justiça divina e em hebraico se expressa no estado construto שֶׁמֶשׁ צְדָקָה (Shemesh cedacah).

São igualmente exemplos que se poderiam apontar as expressões frequentes: Deus de justiça, de bondade de misericórdia, de verdade, etc.

b) *Genitivo qualificativo sobre a palavra «filho»*

É uma maneira de exprimir uma relação íntima. Diz-se daquele que tem índole ou maneira de agir semelhante àquele que é indicado no genitivo. É o que se verifica por exemplo na expressão «filho do diabo». Às vezes usa-se mesmo com um genitivo de qualquer substantivo abstrato como por exemplo «filho de fortaleza» para designar pessoa forte. Trata-se portanto de um genitivo de qualidade ou atributivo que corresponde a um simples adjectivo¹⁹.

«Filhos de prostituição».

Lê-se em Os. 1, 2, mantendo assim a expressão hebraica יְלֵדֵי זְנוּנִים (ialedê zenunim)

«Filhos de iniquidade».

Não difere muito do anterior. Lê-se em I Cr. 17, 9 e Os. 10, 9, traduzindo o hebraico בְּנֵי עֲלֹוָה (benê alwah). Noutros textos, os tradutores da Bíblia Ilustrada não mantiveram o semitismo. Assim, traduziram por «criminoso» em 2 Sm. 3, 31; traduziram por «maus» em 2 Sm. 7, 10 e preferiram «homens maléficos» em Sl. 58, 23²⁰.

«Filhos da ressurreição».

Entra nesta mesma categoria a expressão de Lc. 20, 36: «sendo filhos da ressurreição, são filhos de Deus».

«Filhos da luz e filhos do dia» em I Tes. 5, 5.

«Filhos de maldição» em 2 Pe. 2, 14.

Noutros casos, os tradutores da Bíblia Ilustrada preferiram substituir este genitivo qualificativo de origem hebraica por um adjectivo,

¹⁹ Cfr. M. ZERWICK, *Graecitas Biblica*, Roma 1955, 31s.

²⁰ A palavra «iniquidade» foi usada também em expressões como «via de iniquidade», que é hebraísmo do tipo anterior, ou seja de «genitivo qualificativo» para designar o mal, o pecado. O nosso tradutor preferiu verter em Sl. 118, 104 por «senda de mentira».

como convinha. Serve de exemplo 1 Pe. 1, 14. No grego, lia-se $\tauένια \upsilonπακοής$ que literalmente corresponderia a «filhos de obediência» e que foi traduzido por «filhos obedientes»²¹.

c) *Genitivo qualificativo sobre a palavra «espírito»*

«Espírito de mentira».

Lê-se em 1 Re. 22, 23 e em 2 Cr. 18, 22 para qualificar a falsa profecia. A expressão hebraica רוּחַ שֶׁקֶר (ruah sheker) significa simplesmente «espírito mentiroso».

«Espírito de sabedoria, de conselho, de fortaleza», etc..

O texto é de Is. 11, 2, onde aparecem ainda outros qualificativos de «espírito».

Em frase de estrutura semelhante, Dt. 24, 9, o tradutor fez uma certa desmontagem ao escrever que «estava cheio de sabedoria».

«Espírito de vida» ou «sopro de vida».

Lê-se em Gn. 6, 17; 7, 15; Ap. 11, 11. O hebraísmo bíblico רוּחַ חַיִּים (ruah haiim) que aparece em grego na expressão $\piνεύμα Ζωής$ e no latim «spiritus vitae» significa *sopro vital*. O tradutor de Ezequiel preferiu traduzir a expressão em 1, 20. 21 por «espírito dos seres vivos» e em 10, 17 por «espírito dos animais».

Outros hebraísmos aparecem formados sobre a palavra «espírito», como por exemplo o que S. Jerónimo conservou em Ez. 13, 13 «spiritum tempestatum» e em Sl. 10, 6 «spiritus procellarum». Nestes dois casos, os tradutores da Bíblia Ilustrada preferiram, e muito bem, traduzir respectivamente por «desencadear uma tempestade» e «vento furioso».

d) *Outros genitivos qualificativos*

«Palavra de verdade»: de דְּבַר אֱמֶת (debar emet).

Encontramo-lo em Sl. 118, 43: «não tires da boca a palavra da verdade» e também em Prov. 22, 21. É evidente o seu significado de «palavra verdadeira» ou simplesmente «verdade».

«Jardim de delícias»: de גַּן-עֵדֶן (gan eden).

²¹ Estes últimos hebraísmos aparecem no Novo Testamento. É o motivo por que não se escreve a frase hebraica correspondente.

Lê-se em Joel 2, 3. Já dissemos que as traduções assentam numa imperfeita interpretação da expressão hebraica. Mas seja como for, a frase entrou na língua portuguesa e tem por trás um hebraísmo.

«Terra de promessa».

É o mesmo que a terra prometida aos hebreus, segundo diversos textos do Antigo Testamento. Para além deste significado geográfico, adquiriu um sentido místico de «pátria do Além». O hebraísmo, mantido por exemplo em Heb. 11, 9 na forma grega (εἰς) γῆν τῆς επαγγελίας e na Vulgata «terra repromissionis», não foi mantido na Bíblia Ilustrada que preferiu simplesmente «terra prometida», mas conserva-se nas versões de Ferreira de Almeida e de Pereira de Figueiredo.

«Homem de sangue»: de אִישׁ אַדָּמִים (ish adamim).

Designa simplesmente «homem sanguíneo», como traduziu habitualmente a Bíblia Ilustrada (2 Sm. 16, 7; Prov. 29, 10; Sl. 26, 9; 55, 24). Entretanto o hebraísmo existe e pode ler-se por exemplo na conhecida versão de Ferreira de Almeida em 2 Sm 16, 7; Sl. 55, 24.

«Cadeira da pestilência».

Vem já da forma grega (ἐπι) καθέδραν λοιμῶν conforme tradução dos LXX em Sl. 1, 1, para designar cadeira pestilente ou ensinamento de más doutrinas. Não ficou este hebraísmo na Bíblia Ilustrada, que neste caso preferiu traduzir por: «nem toma assento nas reuniões dos insolentes». Pereira de Figueiredo entretanto não se preocupou tanto e escreveu «cadeira da pestilência».

«Corpo de morte» pode ler-se em Rm. 7, 24, semelhante a «ferida de morte» em Ap. 13, 3.

Genitivo determinativo

Para além do frequente genitivo *qualificativo* ou *atributivo* de que acabamos de falar, há um outro de mais difícil compreensão que designamos por «genitivo determinativo». Neste caso, não é a relação gramatical que o caracteriza, mas antes o significado dos substantivos relacionados. É que as palavras em si mesmas já são tomadas num sentido figurado ou metafórico de categorias semíticas ou especificamente religiosas. Isto supõe em boa parte o conhecimento de um vasto capítulo da história da língua que não é possível aqui apresentarmos, o dos vocábulos latinos que adquiriram, no seu uso bíblico, uma significação religiosa de conotações judaicas.

a) *Genitivo determinativo sobre a palavra «cálice» ou «taça»*

Que este substantivo tenha sido usado no hebraico, e no grego e latim bíblicos na acepção de «sorte», «destino» já o dissemos em estudo anterior, referindo-nos a Mc. 10, 38²². Neste momento, olhemos para a palavra com esse significado dentro de uma frase de construção genitiva.

«Cálice de salvação»: de בּוֹס יִשׁוּעוֹת (côs ieshuot, sing. ieshua).

Na Bíblia Ilustrada, lê-se em título ao Salmo 116 e no versículo 12 e 13 do mesmo Salmo. A palavra cálice significa sorte admirável de assistência divina.

«Cálice de cólera»: de בּוֹס חַמָּת (côs hamat).

A frase lê-se na Bíblia Ilustrada em Is. 51, 17: «tu que bebeste da mão do Senhor o *cálice da sua cólera*». É semelhante à que se lê no versículo 22 do mesmo capítulo: «já tirei da tua mão o *cálice da vertigem*». Traduz-se aqui por *vertigem* a mesma cólera do Senhor que a Vulgata entendeu por «calicis indignationis meae». A expressão equivale à que se encontra em Jer. 25, 15: «toma da minha mão esta *taça de vinho da ira*».

«Taça de horror»: de בּוֹס שַׁמָּה (côs shamah)

Pode ler-se em Ez. 23, 33: «é uma taça de horror e de destruição a taça da tua irmã Samaria», a significar certamente uma prova muito dolorosa.

b) *Genitivo determinativo com as palavras: «cólera», «ira»; «escândalo», «tropeço»*

«Vara da cólera», «vergasta da ira»: שֵׁבֶת אִפִּי וְיַמָּתָה. (Shebet afi)

Lê-se em Is. 10, 5: «Ai de Assur, vara da minha cólera e vergasta da minha ira». Trata-se nos dois casos duma palavra abstrata a determinar um substantivo concreto tomado num sentido figurado. É evidente a ameaça de castigo.

«Vara da disciplina»: שֵׁבֶת מוֹסֵר (shebet musar)

Esta expressão, que lemos em Prov. 22, 15, tem lógica e significado semelhante.

²² Cfr. *Influência do Hebraico na Língua Portuguesa*, «Didaskalia», IV, 1974, 242. aí apontamos a este propósito os nomes de F. M. ABEL, *Grammaire du Grec Biblique*, Paris 1927 XXIX; I. ERRANDONEA, *Epitome Grammaticae graeco-biblicae*, 4 ed., Roma 1949, 20.

«Pedra de escândalo, de tropeço»; אֶבֶן נֶגְעַף וְלִצְוֹר (eben neguef)

Em Is. 8, 14 pode ler-se: «pedra de escândalo e escolho de tropeço».

É evidente que a frase se refere a alguém que é ocasião ou causa de pecado. Do texto de Isaias, passou a expressão para o Novo Testamento, Rm. 9, 33 e I Pe. 2, 8. É generalizada na língua portuguesa. Por tal motivo, os tradutores da Bíblia Ilustrada não tiveram dificuldade em mantê-la nos dois textos referidos. O tradutor de Romanos escreveu: «pedra de tropeço e uma rocha que ocasiona a queda»; o tradutor de Pedro não viu necessidade de tal paráfrase explicativa e escreveu simplesmente: «pedra de tropeço e de escândalo».

c) *Genitivo determinativo sobre a palavra «fonte»*

«Fonte de vida»: de מְקוֹר חַיִּים (mecôr haiim)

Pode ler-se em Prov. 13, 14: «o ensinamento é fonte de vida»; 14, 27: «o temor é fonte de vida»; 16, 22: «a prudência é fonte de vida».

Nos três casos, a palavra vida está na acepção figurada de regra de vida. No Sl. 36, 10, ao escrever-se: «contigo está a fonte da vida», pretende falar-se do poder e da assistência de Deus.

«Fonte de água viva».

Encontra-se em Ap. 7, 17; 21, 6 esta expressão a significar assistência divina, semelhante portanto, no seu significado, à anterior. Trata-se sempre duma construção hebraica transposta para o grego e latim, com um genitivo determinativo, tendo por base uma metáfora. Nessa forma e por esta via bíblica chegou à nossa língua.

d) *Outros hebraísmos com genitivo determinativo*

«Vasos de ira» prontos para a perdição, em Rm. 9, 22.

«Vasos de misericórdia».

Lê-se em Rm. 9, 23: «para dar a conhecer a riqueza da sua glória em favor dos vasos de misericórdia».

«Instrumento da minha escolha».

Encontra-se em Act. 9, 15. Significa evidentemente «meu instrumento escolhido». Poderia colocar-se entre os genitivos qualificativos.

«Opróbrio das nações» de כְּלִמַּת הַגּוֹיִם (kelimat hagoim).

Lê-se em Ez. 34, 29 e o significado é aquele que viu o tradutor do Salmo 21, que no versículo 21 verteu por «escarnecido dos homens». De facto significa que alguém é objecto de deshonra ou vergonha por parte dos outros.

«Prepúcio do coração».

A frase encontra-se no plural em Jer. 4, 4 **עַרְלוֹת לְבַבְכֶם** (harelot lebabekem), traduzida literalmente na Bíblia Ilustrada por «prepúcios dos vossos corações». Há aqui nitidamente uma metáfora, pois quem poderá falar de prepúcio do coração? O hebraísmo significa algo de imoralidade ou desregramento das paixões, que o profeta manda afastar, ou melhor cortar como se se tratasse de circuncisão. A palavra coração apela para a interioridade. Em Deut. 10, 16, lê-se mesmo «circuncidai o coração», linguagem retomada no Novo Testamento, por exemplo Rm. 2, 29.

Hebraísmos com genitivo de valor superlativo

Dentre os hebraísmos que passaram para o grego e para o latim numa construção de genitivo, é de distinguir também aquele que se repete frequentemente na Bíblia para exprimir o superlativo absoluto. Consiste em repetir depois de um substantivo a mesma palavra no plural. Era este um processo normal de exprimir o superlativo em hebraico. Não podemos afirmar que o grego e o latim ignorassem este processo. Era entretanto muito mais raro do que no Hebraico. Por isso, não é de estranhar que os tradutores gregos na versão dos LXX bem como S. Jerónimo na Vulgata o mantivessem com tanta frequência.

O seu uso frequente na nossa língua poderá atribuir-se à influência bíblica. Nalguns casos, a sua origem parece mesmo bíblica; noutros, poderá ser diferente. Limitamo-nos apenas a indicar alguns exemplos mais correntes:

«O Deus dos deuses» — **אֱלֹהֵי הָאֱלֹהִים** (Eloê-ha Elohim)

«O Senhor dos Senhores» — **אֲדֹנָי הָאֲדֹנִים** (Adonê-haedonim)

«O Rei dos reis» — **מֶלֶךְ הַמְּלָכִים** (melek-hamelakim)

«O servo dos servos» — **עֶבֶד עֲבָדִים** (ebed-ebadim)

- «Os céus dos céus» — שָׁמַי שָׁמַיִם (xemê-xamaim)
 «O santo dos santos» — קֹדֶשׁ הַקְּדוֹשִׁים (kôdex-hakodaxim)
 «O cântico dos cânticos» — שִׁיר הַשִּׁירִים (xir-haxirim)
 «Vaidade das vaidades» — הַבֵּל הַבָּלִים (hêbel-habalim)
 «O (pelo) século dos séculos» — נֶצַח נֶצְחִים (neça-neçahim)

A lista poderia certamente ser aumentada²³. Estes são caracteristicamente bíblicos. À sua semelhança outros se formaram.

Conclusão

Neste sucinto trabalho, não tivemos a pretensão de indicar todos os vocábulos de origem hebraica nem todos os hebraísmos que entraram na língua portuguesa. Escolhemos apenas vocábulos e hebraísmos mais característicos que chegaram por via bíblica e ainda agora se lêem na mais recente versão portuguesa da Sagrada Escritura.

Na vasta série de hebraísmos, escolhemos os que se caracterizam pelo uso latino do genitivo, tendo distinguido três tipos. Indicámos aí os mais representativos. Nalguns desses hebraísmos, transparece a maneira de pensar e de falar de Deus, embora não estivesse na nossa intenção estudar já do ponto de vista linguístico os hebraísmos que resultam dos antropomorfismos bíblicos. São tantos e tão curiosos que merecem um estudo à parte.

Embora saibamos que é próprio da linguagem dos humanos falar de Deus como se fosse um homem, os Hebreus neste ponto cometeram especiais ousadias²⁴. A eles se poderia acomodar com pertinência a irreverente ironia de Voltaire quando afirma que Deus fez o homem, mas este vingou-se ao fazer Deus à sua imagem e semelhança²⁵. Tais antropomorfismos estão por baixo de certos hebraísmos que se multiplicam na Bíblia Ilustrada, o mesmo que

²³ A maior parte destes exemplos são apresentados por J. TRENEL; *op. cit.* 624.

²⁴ Cfr. J. ALONSO DIAZ, *Proc. so antropomorfizante y desantropomorfizante en la formación del concepto bíblico de Dios*, «La idea de Dios en la Biblia» Madrid, 1971, 147-159.

²⁵ Citado por F. MICHAELI, *Dieu a l'image de l'homme*, Neuchâtel, 1950, Introduction.

dizer na nossa língua. Não é só em Is. 61, 10 que se lê, referindo-se a Deus: «me revestiu das *vestes da salvação* e me envolveu no *manto da justiça*»; nem apenas no Slm. 63, 8 que diz: «eu exulto à *sombra da tua mão*». Eles são frequentíssimos. É matéria difusa que ultrapassa os limites que, por momentos, nos propusemos. O que aqui se anotou poderá constituir entretanto um contributo, ainda que mínimo, para o conhecimento da história ou pré-história da língua portuguesa.

A. A. TAVARES